



Intervenção proferida pelo Tenente-Coronel António Costa Mota, por ocasião da Cerimónia de homenagem aos Perseguidos  
( Almada, 25 de Abril de 2017 )

Exm<sup>o</sup> Senhor Presidente da Câmara Municipal de Almada, Joaquim Judas

Exm<sup>o</sup> Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almada, José Manuel Maia

Exm<sup>os</sup> Membros da Comissão Promotora das Comemorações do 43<sup>o</sup> Aniversário do 25 de Abril

Exm<sup>as</sup> Vereadoras e Vereadores da Câmara Municipal de Almada

Exm<sup>as</sup> Senhoras e Senhores Presidentes das Freguesias do Concelho de Almada

Exm<sup>as</sup> Senhoras e Senhores Presidentes das Assembleias de Freguesia do Concelho de Almada

Exm<sup>o</sup> Coordenador da Comissão de Trabalhadores da Câmara Municipal de Almada

Distintos Almadenses bem como todos aqueles que não o sendo, hoje nos distinguem e orgulham com a vossa presença

É com grande orgulho que na qualidade de Militar, de Presidente da Associação de Oficiais das Forças Armadas (AOFA) e como cidadão, tenho a honra e o privilégio de vos poder dirigir estas palavras, num ato de tão profundo significado como o da homenagem aos perseguidos, nesta emblemática praça do Movimento das Forças Armadas e no exato dia em que comemoramos o 43<sup>o</sup> Aniversário da Revolução de 25 de Abril de 1974.

É perante o monumento que evoca e homenageia todas as mulheres e homens vítimas da perseguição realizada durante uma longa e tenebrosa

noite de 48 anos de fascismo, mas igualmente, hoje, com imensa satisfação o refiro, perante milhares de cidadãos livres que enchem esta mesma praça, que importa meditar sobre a importância transcendente do legado que esses homens e mulheres nos deixaram.

É a elas e a eles que muito devemos aquilo que hoje somos, individualmente mas sobretudo como um coletivo que determina livremente o seu destino, porque foram elas e eles que naqueles tempos de enormes dificuldades, privações, ameaças, violência e injustiças sempre acreditaram que o caminho poderia e deveria ser outro, demonstrando uma coragem e determinação ímpares, ultrapassando medos, nunca se conformando, nunca baixando os braços, constituindo-se assim como um incontornável exemplo para as gerações que se lhes seguiram e que nada e sobretudo ninguém poderá apagar da nossa memória coletiva.

Pagaram o preço mais elevado de tal heroísmo sendo perseguidos, torturados, vendo vidas desfeitas, tantas e tantas delas culminando numa morte prematura. Que nunca, mas nunca, deixemos de lhes prestar o devido, por merecido, tributo.

A todos quantos hoje aqui estamos importa pois respeitar e honrar com toda a solenidade o legado que estas mulheres e estes homens nos deixaram e a melhor forma de o fazemos passa por nunca esquecermos, mas sobretudo por transmitir e não deixar esquecer às novas gerações, já nascidas ao raiar ou em plenos dias de Liberdade, todos aqueles exemplos de coragem, de resistência, de luta, de sofrimento mas sobretudo de uma força, de um crer e confiança, de uma recusa a ceder ao medo que podem e devem nortear permanentemente as nossas vidas.

Comemoramos hoje o 43º Aniversário do dia mais importante da nossa história coletiva de quase 900 anos. O dia em que cidadãos portugueses, militares numa primeira fase mas de imediato apoiados incondicionalmente por todo um povo que entusiasticamente aderiu e foi determinante para que a Revolução se concretizasse, escancarou as portas e janelas a um Portugal Livre, Fraternal, Solidário, mais Justo e equilibrado.

Um dia que deve ser sempre recordado e comemorado como o dia da Dignidade devolvida ao nosso Povo.

Nesse já longínquo dia 25 de Abril de 1974, mas que temos obrigação de manter bem presente, bem vivo e bem próximo do coração e da razão,

podemos dizer, com orgulho, que demos consequência prática àquilo porque tanto lutaram e sofreram estes homens e mulheres que hoje aqui homenageamos. Honramos o seu legado. Cumprimos, em grande medida, os seus sonhos.

À longa noite fascista sucedeu-se o brilhante e prolongado dia radioso que hoje vivemos, pese embora os momentos de penumbra que de forma algo imprevisível sempre foram surgindo ou podemos vislumbrar no horizonte.

Cumpre-nos agora, em condições por vezes penosas, mas indubitavelmente mais fáceis que aquelas de que dispuseram os nossos gloriosos antepassados, o dever de continuar a construir uma Sociedade cada vez melhor, mais justa e solidária. Uma Sociedade onde todos e cada um de nós se reveja e seja cada vez mais feliz.

Que nunca por nunca cedamos ao medo. Que nunca por nunca hesitemos quanto à justiça que encerram as nossas mais profundas convicções. Que nunca por nunca nos deixemos influenciar negativamente por aqueles, que ainda e sempre os haverá, que pretendem criar condições para que a noite se volte a cerrar.

Para que os nossos filhos, os nossos netos e as gerações que lhes sucederem possam sempre orgulhar-se de nós, como nós temos todas as razões para nos orgulharmos destes homens e mulheres que hoje aqui tão justa e empenhadamente homenageamos.

VIVA o 25 de Abril de 1974!

VIVA a Liberdade!

VIVA o Povo Português!

VIVA Portugal!

Tenente-Coronel António Costa Mota (Presidente do Conselho Nacional da AOFA)